

II Festa Estadual da Semente da Paix-o

+Semente da Paix-o: cultivando a vida e guardando os frutos no semi-+rido"

CARTA DE CAJAZEIRAS

Diversidade e estocagem: Cultivando a vida e guardando os frutos no semi-+rido

A Festa Estadual da Semente da Paix-o + um marco para a Articula+-o do Semi-+rido Paraibano porque vem coroar um trabalho de mais de uma d+cada de lutas e conquistas para fortalecimento da agricultura familiar agroecol+gica para a conviv+ncia com o semi-+rido. Mas vem coroar, principalmente, a mobiliza+-o de milhares de fam+lias agricultoras que secularmente, inspirados na natureza, v+m cultivando a vida e guardando os frutos no semi-+rido.

Foi com esse objetivo que n+is, 1.500 camponeses e camponesas do Sert-o, do Cariri, do Serid+, do Agreste, do Curimata+, do Brejo e todas as regi+es da Para+ba, reunidos em Cajazeiras, nos dias 23, 24 e 25 de julho de 2005, celebramos a II Festa Estadual da Semente da Paix-o.

As Sementes da Paix-o s-o tudo de bom! S-o as sementes de ro+ado que v+m desde h+ muito tempo, guardadas pelos nossos antepassados, adaptadas ao semi-+rido garantindo a seguran+a alimentar das nossas fam+lias. S-o tamb+m as sementes das plantas nativas de m+ltiplos usos, incluindo at+ as ra+as dos diversos animais que criamos. Junto -s sementes da paix-o, temos nosso conhecimento constru+do e socializado de gera+-o em gera+-o constituindo-se em um importante patrim-nio gen+tico e cultural para a vida das nossas popula++es.

Mas nem sempre n+is, camponeses e camponesas do semi-+rido, tivemos as devidas aten++es e condi++es para desenvolver nossas estrat+gias de conviv+ncia com o semi-+rido. Ao contr+rio, o modelo de desenvolvimento, assentado no discurso da +moderniza+-o+ da agricultura, sempre desvalorizou o nosso conhecimento, colocou em risco nossa biodiversidade e nossas experi+ncias de produ+-o diversificada e estocagem.

A moderniza+-o concentra terra e destr+i a natureza

Em nome da modernização da agricultura, o Estado Brasileiro ofereceu aos latifundiários um farto volume de créditos subsidiados que vinham intimamente atrelados ao uso de um pacote tecnológico. Esta modernização gerou inúmeras e profundas consequências, pois veio reforçar um padrão de desenvolvimento baseado nos latifúndios e em um modelo tecnológico monocultor dependente do uso intensivo de agrotóxicos, de sementes certificadas, fertilizantes químicos e maquinaria pesada, raças de animais exóticos não adaptadas ao semi-árido e raças industrializadas.

Esse doloroso processo foi responsável pela expulsão de milhares de famílias agricultoras da terra, criando uma multidão de camponeses e camponesas sem terra. Esse padrão também foi o grande responsável pela degradação de nossos solos, de nossa água e da nossa biodiversidade.

No Nordeste brasileiro, podemos apontar duas formas como a modernização se manifestou. No Litoral e Brejo, com o Prácool financiando as usinas de cana-de-açúcar, a secular exploração dos agricultores e agricultoras aumentou ainda mais. No Sertão houve um intenso processo de pecuarização dos latifúndios a partir do financiamento do Finor. E não podemos esquecer o quanto essa política foi devastadora do meio ambiente, especialmente o caso da algaroba nas décadas de 1970 e 80, no Cariri e Curimatã. Sob o rótulo do reflorestamento, os projetos financiavam o plantio

de algaroba, a fundo perdido, desde que os proprietários fizessem a limpeza da terra, ou seja, o desmatamento da caatinga.

Mas a culpa não foi da planta. O problema resultou de uma concepção política e técnica